



## A produção de subjetividades e design a partir das Três Ecologias

### *The production of subjectivities and design from the Three Ecologies*

Natalí Abreu Garcia, mestre, PUC-Rio

[nataligarcia@gmail.com](mailto:nataligarcia@gmail.com)

Rodrigo Reis Rodrigues, mestre, UNESP

[rodrigoreisr@gmail.com](mailto:rodrigoreisr@gmail.com)

Karine de Mello Freire, doutora, PUC-Rio

[sejaatransformacaodomundo@gmail.com](mailto:sejaatransformacaodomundo@gmail.com)

Carlo Franzato, doutor, PUC-Rio

[carlofranzato@puc-rio.br](mailto:carlofranzato@puc-rio.br)

#### Resumo

Este artigo propõe a apresentação do conceito ‘produção de subjetividades’ como premissa para o desenvolvimento de novas atitudes projetuais voltadas à regeneração, em que as questões socioambientais são fundamentais. Uma crítica ao design será articulada à noção de produção de subjetividade, apontando a Ecosofia, paradigma ético-estético-político proposto por Félix Guattari, como um arcabouço para o desenvolvimento teórico-metodológico para processos projetuais regenerativos. Por fim, será apresentado um caso onde foram experimentadas estas perspectivas metodológicas nos processos projetuais. Como resultado, identificamos que esse paradigma foi fundamental para o desenvolvimento de uma reflexão metaprojetual, mais que soluções projetuais. E dessas reflexões surgiram produções críticas em formato de manifestos que serviriam à catalisação necessária para a regeneração não só do território mas das subjetividades e relações sociais envolvidas.

**Palavras-chave:** *subjetividades; três ecologias; regeneração; processos projetuais.*

#### Abstract

*This paper proposes the presentation of the concept ‘production of subjectivities’ as a premise for the development of new design attitudes aimed at regeneration, in which socio-environmental issues are fundamental. A critique of design will be articulated with the notion of production of subjectivity, pointing to Ecosophy, an ethical-aesthetic-political paradigm proposed by Félix Guattari, as a framework for the theoretical-methodological development of regenerative design processes. Finally, a case will be presented where these methodological perspectives were tried out in design processes. As a result, we identified that this paradigm was fundamental for the development of meta-project reflection, more than project solutions. And from these reflections emerged critical productions in the form of manifestos that would serve as the necessary catalyst for the regeneration not only of the territory but of the subjectivities and social relations involved.*

**Keywords:** *subjectivities; three ecologies; regeneration; design processes.*



## 1. Introdução

Para Guattari, subjetividade é "o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mes-ma subjetiva" (Guattari, 1992, p. 19), ou seja, a subjetividade é uma produção que acontece não somente na instância individual, mas também nas instâncias coletivas e institucionais - e que produz diferença, singularidade. Subjetividade é diferente de interioridade, não diz respeito a uma suposta essência dos indivíduos. É fácil cairmos neste entendimento devido à bifurcação sujeito-objeto que herdamos do pensamento moderno e cartesiano. Subjetividade não é uma coisa que pertence a um sujeito, ao contrário, subjetividade é também social e coletiva (Mansano, 2009), como linhas de forças que nos alimentam, nos moldam, que consumimos, e que usamos para nos produzir – na relação com o outro, com o mundo e conosco mesmo (Deleuze, 1996).

Talvez seja mais fácil entender subjetividade não como um substantivo, mas como um verbo, "subjetivar", ou seja, talvez seja mais compreensível falar de produção de subjetividades - múltiplas, diversas. Neste sentido, podemos nos centrar nas produções que se fazem nas relações sociais e ambientais e que produzem os sujeitos. Há produções e produções de subjetividades, estas também são plurais e podem ocasionar o assujeitamento de indivíduos (em um aspecto mais negativo, opressor), ou podem, positivamente, criar linhas de fuga, ressingularizando indivíduos em direção a uma maior emancipação, ou ainda, uma expressão singular e criativa dos mesmos (Deleuze, 1996; Deleuze, Parnet, 1998).

Esta introdução se deve a uma tentativa de buscar uma reconciliação do próprio conceito de subjetividade com a proposta de não-bifurcação da realidade que Latour nos traz. Para Latour, o projeto da modernidade foi o de separar e isolar ("purificar") o mundo em dois grandes domínios: o da Natureza e o da Cultura (humanidade) (Harman, 2009). Tal projeto se faz bem visível quando olhamos para as ciências naturais e as ciências humanas e políticas. Outra bifurcação resultante do pensamento moderno é a separação sujeito-objeto, que nos leva a perspectivas subjetivistas e objetivistas. Ao nosso ver, quando falamos de produção de subjetividades nos termos de Foucault, Deleuze e Guattari, por exemplo, não estamos falando de subjetivismo, ao contrário, estamos ultrapassando uma suposta neutralidade objetivista para falar de uma contínua produção de sujeitos e culturas que se faz na relação com o mundo.

O design, como nos apresenta Forty (2007), é um grande produtor de subjetividades, na medida em que projeta ferramentas, ambientes que, por sua vez, moldam os próprios sujeitos. Ao assimilar um valor para a sociedade, e fazer disto um meio para que produtos e serviços sejam mais facilmente compreendidos e desejados, também o designer reforça a produção de subjetividades que sustentam culturas, e o próprio *status-quo*. Sendo assim, o design moderno, em seu surgimento durante a revolução industrial, pautou-se no serviço à indústria, à eficiência dos negócios, a despeito de seus impactos socioambientais. Neste desenvolvimento do design ao longo do século acompanhamos algumas transformações, por um lado, uma progressiva sistematização e objetivização do design, que cada vez mais distanciou-se de uma perspectiva artística e política, por outro lado, um centramento projetual cada vez maior nas necessidades e desejos humanos (clientes/usuários). Tais movimentos ou são produto de uma agenda neoliberal ou são, como Latour aduz, as implicações projetuais de uma visão de mundo moderna e bifurcada.

No entanto, há proposições que podem fundamentar um outro tipo de design, que possa ser um produtor de subjetividades humanas que estejam orientadas por uma visão de mundo ecológica, onde sejam compreendidas e respeitadas as diversas relações ecossistêmicas (entre atores humanos, não-humanos, vivos ou não). Guattari em 1989 propõe a Ecosofia, uma articulação ético-estético-política em três registros ecológicos das subjetividades, das relações sociais e do meio ambiente (Guattari, 2001). Ainda que pareça aludir ao meio ambiente de forma genérica, o filósofo nos convoca a agenciar objetos ecosóficis (Nadaud, 2015), ou seja, uma confluência dos conceitos (registros) supracitados. Na visão de Guattari, é preciso agenciarmos produções de subjetividades e formações subjetivas, de forma intencional, e molecular para criarmos as condições para a saída das crises socioambientais que nos encontramos, e que estão engendradas a um empobrecimento subjetivo homogeneizante que se encontra em "movimento geral de implosão e infantilização regressiva" (Guattari, 2001, pág. 8).

A visão de Guattari dos fluxos heterogêneos e processos maquínicos que também são portadores de valores (Nadaud, 2015), em muito se parece, com a visão de um pluralismo ontológico de Latour, que propôs a Teoria Ator-Rede e os Modos de Existência anos depois. Tais visões remontam a uma filosofia do processo, em que se entendem os acontecimentos/eventos como a menor instância de realidade, em contraposição aos modelos atomísticos baseados na matéria. Nesta visão temos, nos termos de Latour, atores (ou actantes) inseparáveis das relações que os constituem, não temos nem sujeito nem objeto, somente actantes fazendo coisas, se produzindo e instaurando realidades. Latour cita o trabalho de Foucault como um belo exemplo do que propõe -  *siga os atores, veja o que os mesmos estão fazendo, com quais outros atores estão se conectando*. Também Deleuze (parceiro de Guattari) cita Foucault como "o cartógrafo", ou seja, a cartografia é uma prática proposta por Deleuze e Guattari que servirá então aos propósitos ecosóficis. Em vistas de uma necessária mudança de paradigmas e visão de mundo, designers buscam modos projetuais alternativos, e que relevante arcabouço são a Ecosofia proposta por Guattari e o pensamento de Latour.

## 2. As Três Ecologias de Guattari

Ao registrar as três ecologias – a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana –, Guattari manifesta sua indignação perante um mundo que se deteriora lentamente. Mostra que o planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, mas estas engendram fenômenos de desequilíbrios ecológicos que ameaçam a vida em sua superfície, o Antropoceno. Os modos de vida individuais e coletivos estão em progressiva deteriorização e as relações afetivas, familiares e sociais, cada vez mais padronizadas, estão reduzidas a sua mais pobre expressão. A relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – se encontra num movimento de implosão e infantilização regressiva.

Aponta como uma resposta possível à crise ecológica uma “autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais”. Revolução “não só nas relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo” (2001, p. 9). Tanto nas escalas individuais e coletivas, trata-se de “debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e coletiva” (2001, p. 15).

Guattari aponta para a necessidade de reinventar as nossas relações na esfera social e ambiental procurando “antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc” (2001, p. 16). A maneira de reinventar a singularidade está mais para a arte do que para a ciência, sendo “urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas científicas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas” (2001, p. 18). Para ele, a dinâmica entre as três ecologias e suas práxis ecológicas devem se esforçar para “detectar os vetores potenciais de subjetivação e de singularização” e, de modo suave, “fazer evoluir os Agenciamentos de um modo processual construtivo (2001, p. 28).

Guattari, é realista ao afirmar que é da interface das três ecologias que podem nascer ações políticas mais eficientes em relação ao meio ambiente e que “o princípio particular à ecologia ambiental é o de que tudo é possível, tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis”. Aposta que “cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas” (2001, p. 52), sendo assim possível engendrar outros territórios de existências, que podem paulatinamente propiciar um engajamento por uma vida possível e especular outros modos de vida. Um movimento de múltiplas faces, capaz de promover outra subjetividade, esta sim instauradora de outro *socius*, outro *phylum maquínico* e universos técnicos-científicos como referência, também, outros mundos estéticos (2001, p. 53-55).

O que Guattari nos apresenta nas Três Ecologias é a necessidade de conceber uma disciplina ético-estética, que de fato aponte para a heterogênesse ou seja, a produção de um contínuo processo de ressingularização, onde os indivíduos se tornem ao mesmo tempo solidários e cada vez mais diferentes entre si.

Para Guattari a subjetividade através de chaves transversais pode instaurar ao mesmo tempo no meio ambiente, nos grandes agenciamentos sociais e institucionais, e “simetricamente, no seio das paisagens e dos fantasmas que habitam as mais íntimas esferas do indivíduo”, a reconquista da autonomia criativa em muitos campos. Essa reconquista da confiança da humanidade em si mesma pode acontecer, processualmente através dos meios os mais minúsculos (2001, p. 55-56).

### 3. Caso da Imersão Regeneração

Na pesquisa de mestrado de Natalí Abreu Garcia (Garcia, 2022), trabalhou-se com as Três Ecologias de Guattari na criação de insumos metodológicos para fomentar processos projetuais regenerativos. Como parte da pesquisa de campo realizou-se uma imersão, que pretendeu, sobretudo, experimentar novos processos que explorassem a produção de subjetividades através do conceito de Regeneração e das três ecologias. Podemos entender a imersão como um campo delimitado e aberto para a experimentação de agenciamentos e intensidades em um plano comum de imanência. Buscando uma criação em torno de ‘um Design Regenerativo’, almejando a produção, as emergências e as linhas de fuga - que pudessem transformar o campo de práticas do design como o conhecemos. Ou seja, buscando devires para um design pautado em um processo de ressingularização delicado e cuidadoso.

Quando se começou a pensar uma atividade para experimentar os princípios de uma prática regenerativa, o cuidado, a autonomia, a consciência ecológica e a comunalidade eram valores importantes. Era o ano de 2022, havíamos passado dois anos impactados pelo distanciamento social imposto pela pandemia. Natalí tinha o intuito de oferecer as melhores condições para que o grupo pudesse ter dias proveitosos e felizes também, não só para o



proveito de sua pesquisa, mas para uma vivência transformadora de todos os participantes. Se inspirou na educação transformativa da Schumacher College e nas viagens ecosófica de Rodrigo Reis (Rodrigues, 2020). Pensou que era fundamental resgatar a convivência coletiva em processos criativos e também resgatar outra relação com o tempo e o território. A partir disso, Natalí encontrou um local onde poderíamos estar imersos em uma área de preservação ambiental em um sítio na Serra da Cantareira/SP, onde também funciona um espaço de desenvolvimento humano. A escolha foi pautada pela possibilidade de vivenciar um território no qual a proposta de regeneração fosse necessária e urgente. Outro ponto crucial foi pensar em quais pessoas deveriam ser as convidadas para participar da imersão. Precisávamos de pessoas com bagagens diversas, mas com algum conhecimento e um interesse genuíno na proposta da regeneração. Juntos definimos os nomes das pessoas que seriam convidadas para a atividade, discutindo quais contribuições cada uma delas poderia trazer. Tínhamos pessoas com formação em artes, design, antropologia e engenharia ambiental. Vivências profissionais e pessoais na área da educação, da economia, da moda e das comunidades intencionais.

Figura 1 – Colagem de fotos da Imersão Regeneração



Fonte: Adaptado pelos autores a partir de Garcia, 2022.

Natalí preparou todas as atividades com muito cuidado. Preparou kits (figura 1) de boas-vindas para os participantes, que realmente se sentiram acolhidos pela personalização do kit. O kit era a expressão do cuidado, atenção e afeto com os participantes. Os insumos para o preparo das refeições consideraram uma dieta alimentar vegetarianana, vegana e orgânica, contemplando as restrições alimentares das pessoas que aceitaram vivenciar 4 dias de práticas regenerativas. Elas receberam materiais prévios para compreenderem o território e as relações do espaço em que exercitamos a prática.

As pessoas foram chegando em diferentes horários e a primeira troca do grupo foi um café da manhã coletivo. Houve trocas tímidas e Natalí começou a explicar os "nós" das redes que nos conectavam. Uma dinâmica de organização das atividades do dia emergiu no grupo, e

foram tomadas decisões sobre que pratos preparar e o melhor espaço para cozinhar e desfrutar da refeição. Após a refeição, Natalí explicou brevemente como funcionaria a agenda da imersão e os materiais que as pessoas estavam recebendo. Especialmente, que a riqueza deste encontro era a presença de cada um, e a generosidade de todas as partilhas sinceras foram muito agradecidas. Foram apresentadas as pistas para a Imersão do Praticante Regenerativo, (figura 2) começando por cultivar o estado de presença, um estado de atenção contemplativa do momento, das pessoas, do meio ao seu redor e especialmente, da sua própria subjetividade. Outra pista importante era o sentipensar, conectar-se com o corpo, com as emoções para explorar múltiplos modos de expressão para além do pensamento racional. Foi sugerido que os participantes cartografassem sentipensações que pudessem ser compartilhadas com os pesquisadores em diferentes lugares: no caderno presente no kit; em um espaço na nuvem para registros de imagens e vídeos. Ainda, que aquele espaço de pesquisa era um espaço de crítica construtiva em direção a criação de uma ética-estética-política orientada à visão de mundo ecológica. E por fim, a colaboração necessária para uma boa atmosfera para o grupo em uma vivência coletiva na organização do espaço e das refeições.

Figura 2 – Pistas para a Imersão do Praticante Regenerativo



Fonte: Garcia, 2022.

Sentipensar é um termo que significa o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento. É uma atitude projetual com bastante afinidade com a metaprojeção no entendimento do paradigma regenerativo, ou seja, uma forma de se colocar no mundo, sentipensar sobre este e estar aberto à novas formas de ser (Bittencourt, Freire, 2022), ou seja, processo de ressingularização. Explorar tal dimensão foi importante para criarmos um plano em comum, alinhando atitudes e estado existencial do grupo.

No contexto desta pesquisa exploratória qualitativa se prôpos utilizar a cartografia. Segundo Costa (2020) a cartografia é mais do que um possível método de pesquisa, podendo ser entendida como uma inspiração ético-política proposta por Deleuze e Guattari (1995), que busca complementar e fortalecer a pesquisa qualitativa. Através da cartografia podemos

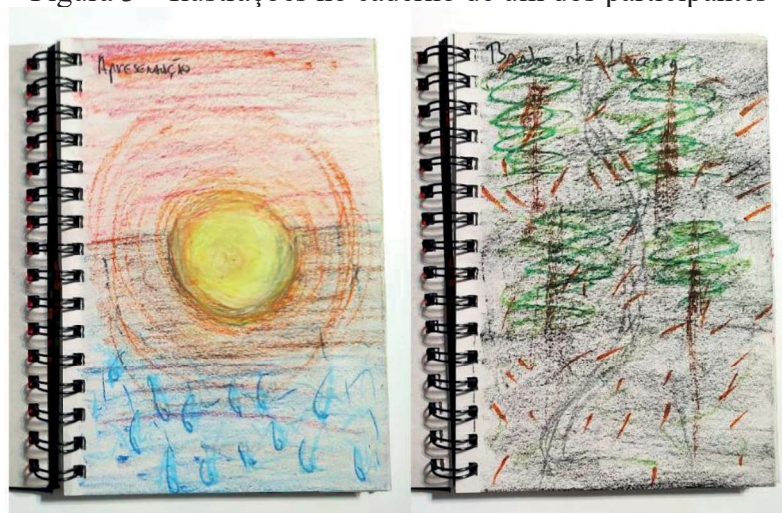


acompanhar processos através da análise de suas linhas imanentes (Costa, Amorim, 2019). As linhas são articulações, elas estão misturadas umas nas outras. Grande desafio é o desenredar estas linhas, o que Deleuze (1996) chama de cartografar. Instalamos-nos nessas linhas, percorrendo territórios desconhecidos, traçando mapas.

A atividade inicial era uma roda de conversa metaprojetual, com a intenção fazer com que as subjetividades se encontrassem. Iniciou pela apresentação da pesquisa e dos participantes, onde Natalí começou a se soltar das temporalidades previstas que marcavam suas práticas projetuais prévias e se deixou afetar pelo processo. Cada participante leu sua carta de apresentação e a atmosfera era de um real estado de presença na atividade. Na carta, as pessoas precisavam escrever sobre quem eram, o que importava para elas e sobre o que na visão delas precisava ser regenerado.

A sessão de leituras das cartas ao grupo foi um momento importante para que os participantes pudessem se apresentar e expor suas ideias e posicionamentos sobre o tema da regeneração. Este "auto-revelar-se" foi importante para a criação de um espaço de confiança afetivo e seguro de troca e escuta. Ao lerem suas cartas, contando o que significa regeneração para si, os sujeitos revelaram atribuir um sentido bastante subjetivo, orientado a novos propósitos e éticas, que enfatizam "a importância de sonhar", o "cuidar", os âmbitos "interno, externo e espiritual", a "regeneração das relações", que a "transformação precisa começar por nós" e sobre o aprendizado com a "sabedoria do mundo vivo". Enquanto os participantes se apresentavam, os demais também iam anotando, escrevendo e desenhando em seus cadernos do Kit de trabalho distribuído aos participantes (figura 3).

Figura 3 – Ilustrações no caderno de um dos participantes



Fonte: Garcia, 2022.

A atividade foi bem rica, dedicando o tempo necessário à leitura de cada uma das cartas, onde o estado de atenção contemplativa e os registros cartográficos se fizeram presentes. Então, foram buscando elementos que os conectavam. Na sequência, cada participante apresentou um tema de sua especialidade, relacionado com a regeneração, para que seu modo de enxergar o mundo fosse compartilhado com o grupo. As atividades começaram às 15h e finalizaram depois do jantar por volta das 22h. Foram usados espaços externos e internos. O clima era de conversa solta, cuidadosa, motivadora. No diálogo construído eles percebiam o que sabiam e o que não



sabiam a respeito do tema. As perguntas que os participantes faziam traziam luzes ao mesmo tempo em que apontavam as sombras do conhecimento. Natalí reforçava que a crítica era uma atitude de generosidade para que se pudesse crescer e o desafio era colocar em diálogo bases cosmológicas e epistemológicas tão diferentes.

Foi criado um ambiente de confiança. Rodrigo trouxe o poema Confiança, de D.H. Laurence para o grupo:

*“Ó temos de confiar um de novo no outro  
em pontos essenciais [...] Mas uma confiança maior, uma confiança de sol  
que não se perturba em nada  
com a ferrugem, as traças, e que um no outro  
nós vemos brilhando em cada.  
Ó não me confie  
não me sobrecarregue  
com sua vida e questões: não me envolva em suas preocupações.  
Acho que é melhor confiar no sol em mim  
que brilha exatamente com tanto  
brilho quanto você vê em mim, não mais.”*

Ao final do primeiro dia, todas as pistas para a imersão do praticante regenerativo haviam sido vivenciadas. Era perceptível o estado de atenção contemplativa e abertura para o aprendizado com o outro. A partilha de práticas regenerativas e sobre o que precisa ser regenerado foi fundamental para colocar as subjetividades em diálogo e sentipensar no coletivo. Os desconfortos foram expostos e dialogados. Os sentires foram compartilhados. A colaboração emergiu de modo orgânico para o preparo do jantar em meio a atividade de roda de conversa. Tudo seguiu fluindo. Ao final do dia de trabalho, o grupo entendeu que a regeneração necessária era da nossa mentalidade, da nossa cosmovisão, regenerar a própria subjetividade, que precisávamos decolonizar o pensamento, aprender com os povos originários, buscar outras metáforas para nossa relação com o corpo e a natureza. Era necessário regenerar as dinâmicas sociais. Regeneração atravessando os três registros ecológicos, ligada especialmente ao sentido de renascimento, de resgatar a vitalidade, da capacidade de ver um novo potencial, uma transformação que honra sua essência imanente e que conquista criativamente novas estruturas e padrões de comportamento. Essas pistas metaprojetuais, vivenciadas 24 horas por dia durante 4 dias de trabalho foram fundamentais para a elaboração do 'manifesto regenerativista' que é marcado pelo sentipensar do grupo em uma polifonia Artivista.

Durante a imersão o grupo também realizou uma caminhada de reconhecimento pelos territórios naturais e edificações do sítio, para entendimento da história e dos padrões do lugar, onde pôde realizar uma atividade de aterramento (grounding), todos de pés descalços na grama e terra para explorar as sensações do relevo biodiverso. Na caminhada sentipensante, o grupo de participantes pôde experienciar o meio ambiente natural e acentuar vínculos entre si. A atividade fez parte do movimento de mapeamento, dentro de uma tarefa cartográfica.

Após a visita às edificações do sítio e a caminhada sentipensante, os participantes puderam descarregar suas percepções em um exercício cartográfico. As contribuições foram tanto individuais como coletivas. As escritas e formas, linhas, foram se misturando e produzindo juntas novos significados. Observou-se que a produção cartográfica reproduziu



plasticamente o território, com as linhas das águas que contornam e formam a paisagem. Bem como, com os valores e percepções de quem esteve e experienciou o lugar.

O grupo também prospectou visões e capacidades para o sítio, após realizarmos a leitura sobre informações do contexto maior da Serra da Cantareira. Foi realizado, por exemplo, o esboço do aninhamento do sítio, no Bairro da Capuava e Serra da Cantareira, sendo o aninhamento um forte orientador na compreensão ecossistêmica e tomada de decisões projetuais. Partindo da singularidade do lugar, entendemos como vocação e potencial o sítio ser um laboratório ecológico e sustentável, inspirando a proteção ambiental de uma importante área de conservação da Serra da Cantareira. Ao prospectar também foram discutidas as capacidades necessárias para reverberar a proteção ambiental no ecossistema de atores do sítio e região. Entre as possíveis ações e capacidades prospectadas, uma forte preocupação com o aspecto do ambiental e da comunalidade, ou seja, fomentar uma cooperativa local, celebração de festividades, pessoas da comunidade vivendo o lugar.

Como resultado dos movimentos praticados na imersão, foram produzidos dois vídeos manifestos dos movimentos projetuais e metaprojetuais, a partir das contribuições e capturas realizadas pelos participantes durante a imersão. O primeiro é um manifesto ético-estético-político ao contexto do sítio, a ecoperformance "A feiticeira e seus feitiços" (figura 4). O segundo é o manifesto metaprojetual sobre o movimento Regenerativo, que propõe valores e premissas para um design regenerativo (figura 5).

Figura 4 - Ecoperformance "A feiticeira e seus feitiços"



Assistir em: <https://youtu.be/mYmjX2QZoEE>. Direção e performance de Rodrigo Reis.

Fonte: Garcia, 2022.

Figura 5 – Manifesto RegenerARTivista “Regeneração”



Assistir em [https://youtu.be/bhGTd0A6o\\_4](https://youtu.be/bhGTd0A6o_4).

Fonte: Garcia, 2022.

O título da ecoperformance “A feiticeira e seus feitiços” alude a um texto de Levy Strauss publicado originalmente em 1949, onde o antropólogo narra um acontecimento que se deu em 1938 enquanto acompanhou os índios Tapajós na região central do Brasil. O relato se refere a um membro da aldeia que foi estigmatizado por aquela comunidade, sendo forçado a viver à sua margem, tornando-se assim, um feiticeiro. Porém, antes de descrever os detalhes da performance registrada no vídeo que compõem o trabalho da imersão, é necessário conceituar a ecoperformance e seu caráter regenerativo no contexto das artes contemporâneas. Termo criado em 2009 por Maura Baiocchi, diretora da Taanteatro Cia,

*destinado à investigação das tensões entre corpo, meio ambiente e ancestralidade. A presença ecopoética e ecoética do performer, compreendida enquanto interação de forças e formas no tempo-espço, desencadeia uma atmosfera de tensões que configura, por sua vez, um processo ambiental com as mesmas características da sua presença. Uma ecoperformance se efetua em paisagens naturais ou urbanas e pode, entre outras possibilidades, homenagear ou reafirmar a interconexão ser humano meio ambiente, alertar para a conscientização do impacto de certas ações humanas nocivas a esse meio e, conseqüentemente, ser um veículo de denúncia. (BAIOCCHI; PANNEK, 2018, p. 90)*

Esta performance aconteceu, a partir da visitação do grupo a um sítio arqueológico, num lote de terra atualmente incorporado ao sítio mas que outrora fora ocupado por uma feiticeira, possivelmente descendente de negros e indígenas. De acordo com a narrativa apresentada, ali ficava sua casa, que após seu falecimento foi demolida para dar lugar a um projeto de capela destinada a um santo católico. A narrativa, que ressoou na sensibilidade do grupo durante a imersão, denotava um embate entre forças de ocupação colonizadoras brancas e masculinas e forças de resistência minoritária e feminina. Um recorte da história de colonização europeia exploratória que continua marcando a realidade atual.

Assim, na articulação ética e estética das três ecologias, um debate sobre regeneração e decolonialidade se seguiu e a produção de subjetividade foi atravessada pela sensibilidade do grupo. O processo culmina na criação artística onde corpo, meio ambiente e ancestralidade daquele território ecoperformam, atualizando suas forças e virtualidades, conforme se observa no vídeo.

#### **4. Considerações finais**

Ao longo deste ensaio apresentamos o conceito de produção de subjetividades e a sua importância dentro do campo do design, especialmente um design que considere as questões socioambientais, e que busque uma reorientação ao pensamento ecológico. Nesta direção as Três Ecologias de Guattari apontam um caminho para a construção de propostas teórico-metodológicas que explorem uma coprodução na concomitância dos registros ecológicos das subjetividades, e das relações sociais e ambientais.

A partir do caso apresentado (um processo imersivo de design) podemos concluir que para uma produção de subjetividades (atravessada pela sentipensação) é importante estarmos situados em um ambiente mais natural, que evidencie nossa relação de interexistência ecossistêmica e onde caiba explorar adequadamente a dimensão do corpo, bem como um tempo



mais largo de partilha e convívio, para uma real nutrição de relações recíprocas. Isso é fundamental dentro de um contexto das Três Ecologias, onde Guattari e Deleuze nos convocam a uma sensibilidade que requer a implicação dos corpos e dos afetos no processo.

A partir desta experimentação, desenvolvemos uma reflexão metaprojetual que agenciou produções de subjetividades na intersecção dos três registros ecológicos, e que se afirmam como uma proposta ético-estético-política de modo a catalisar uma transformação necessária nos sujeitos e em seus modos de ser e estar.

Para um design que pretende ultrapassar a bifurcação entre sujeito e objeto precisamos recorrer também às noções de subjetividade, de desejo – enquanto potência e impulso de criação agenciados para a produção de diferença – e de imanência – em alianças sociais e ambientais. Dispor práticas regenerativas e, ao mesmo tempo, acompanhar e cartografar os processos relacionais e vitais enquanto os mesmos acontecem. Para implicar o sujeito e suas potências singulares, tanto cognitivas quanto afetivas, precisamos adotar uma outra atitude projetual, aquela que coloca o corpo em ação, ou seja, está presente em um estado sentipensante, numa dinâmica entre a absorção-reflexão e a criação-produção.

Também é importante refletir sobre a necessidade de uma cooperação que extrapole os limites do design, no que tange ao olhar especialista com centralidade no lugar (perspectiva ecossistêmica), bem como, a necessidade da inclusão da diversidade de olhares, principalmente daqueles invisibilizados, como a comunidade tradicional (com suas práticas tradicionais, ou vernaculares, que são próprias da cultura do lugar), as minorias, ou ainda os povos indígenas.

### **Agradecimentos**

Natalí Abreu Garcia conta com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Carlo Franzato conta com o apoio da bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, também, com o financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no escopo do Programa de Apoio a Projetos Temáticos no Estado do Rio de Janeiro (projeto Gávea Lab, processo número E-26/210.079/2023).

### **Referências**

- BAIOCCHI, M. e PANNEK, W. **Forças e Formas**. São Paulo: Taanteatro Companhia, 2018.
- BITTENCOURT, G. FREIRE, K. Spirituality based codesign: Searching ways to operate a sentipensante participatory design. In **Participatory Design Conference 2022: Volume 2** (PDC 2022 Vol. 2), August 19–September 01, 2022, Newcastle upon Tyne, United Kingdom. ACM, New York, NY, USA, 5 pages. 2022. <https://doi.org/10.1145/3537797.3537810>
- COSTA, L. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. In: **Paralelo 31, Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas**, edição 15, 2020





COSTA, L; AMORIM, A. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. In: **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 912-933, dez. 2019. ISSN 1809-0354. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045>>. Acesso em: 24 jan. 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2019v14n3p912-933>.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo. In: **O mistério de Ariana**. Lisboa: Ed. Vega - Passagens, 1996.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FORTY, A. **Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GARCIA, N. A. **Regeneração e as três ecologias de Guattari: exploração e experimentação para o desenvolvimento do Design Estratégico**. Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, Porto Alegre, RS, 2022. 164f. Disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/12014>

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2001, 56p.

GUATTARI, F. Heterogênese. In: \_\_\_\_\_. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HARMAN, G. **Prince of Networks: Bruno Latour and Metaphysics**. Melbourne: re.press, 2009.

MANSANO, S. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. In: **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2). 2009.

NADAUD, S. **Félix Guattari ¿Qué es la Ecosofía?: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud**. Buenos Aires: Cactus, 2015.

RODRIGUES, R. R. **Glossolalia Intensiva**. Dissertação (mestrado em Artes). São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/194140>